Stefano Vignaroli

Pão com Azeite e Arroz com Ossos



Edição em Português (BR)

Uma coleção de contos ambientados em Jesi e na região de Marche, em Ancona

Stefano Vignaroli
Pão com Azeite e Arroz com Ossos
Uma coleção de contos ambientados em Jesi e na região de Marche, em Ancona

©2025 Associação Cultural Euterpe APS
Todos os direitos de reprodução, distribuição e tradução são reservados.
Ilustração da capa feita por Valentina Rossini- ©2025
Tradução feita por Roberto Mattos- ©2026 Tektime

WebSite: https://associazioneeuterpe.com
Email para contato: ass.culturale.euterpe@gmail.com

Índice

APRESENTAÇÃO

PREFÁCIO

I- Ar

ARROZ COM OSSOS DE PORCO

RETORNO ÀS ORIGENS

O REI PICUS E A FEITICEIRA CIRCE

QUE SÃO MIGUEL NOS PROTEJA

A PRAÇA RECONQUISTADA

II- Água

PEIXE EM CALDO

O TRABALHADOR DE SALITRE E O PESCADOR

ÚLTIMA CHAMADA

LIBERDADE

O CAPITÃO DE ARMAS E OS PIRATAS TURCOS

III- TERRA

PÃO COM AZEITE

O PASSEIO PELAS POUSADAS

A ÚLTIMA JOIA

ALICE

A MENINA MANCA

IV- Fogo

ROSQUINHAS DE ANIS

O BEIJO

PORTA VALLE

MULHER QUE SE EXPÕE

LOUCURA

APRESENTAÇÃO

Por que escolher duas expressões típicas da região de Ancona para o título de uma coletânea de contos, ambientados essencialmente em Jesi e arredores? Eu acredito que os leitores mais ou menos da minha idade irão perceber imediatamente a ironia por trás dessas expressões, que estão diretamente ligadas a pratos típicos de Ancona e Jesi, mas também sugerem diretamente a eterna rivalidade que existe entre as duas cidades e são usadas para provocar uma à outra de forma jocosa e bem-humorada. O "Pão com Azeite" e o "Arroz com Ossos" eram pratos típicos da culinária pobre da região de Marche, o primeiro mais usado na área de Ancona e ligado à produção de azeite, o segundo mais na região rural de Jesi e Macerata e ligado à trilha usada no comércio de porcos.

Mas quando um cidadão de Jesi dizia a um de Ancona "Pão com Azeite", ele fazia referência à entonação típica do dialeto, que tinha a sua expressão mais marcante nesta breve frase. E o cidadão de Ancona não deixava por menos e respondia: "Olha quem fala! Aquele que come Arroz com Ossos!" E aqui também havia uma referência ao risoto cozido no caldo obtido da fervura prolongada dos ossos descartados de porcos, sobretudo no inverno, na época da trilha.

Em particular, zombavam da forma como nós, os nativos de Jesi, pronunciam a letra "s", quase sibilada entre os dentes, fazendo surgir um som suave ao invés de duro, como o resto da região, dando as vezes à pronúncia do dialeto de Jesi um sotaque que se assemelha ao sotaque toscano.

Mas, além dessas digressões que são quase acadêmicas, a intenção deste pequeno volume é de reunir em uma única obra alguns contos que eu escrevi ao longo do tempo e publiquei aqui em várias antologias ou às vezes em sites na Internet. São contos ambientados em Jesi e em seus arredores, em épocas diferentes, tanto antigas como recentes, mas ligadas por um tema comum: contar sobre o nosso território para não perdermos as nossas tradições e as nossas origens. E eu estou convencido que cada conto, dependendo do tema ou de como você o lê, lhe trará um sorriso ou uma lágrima.

Não é coincidência, e você descobrirá isto folheando as páginas do livro. Eu dividi o volume em quatro seções, cada uma chamada em referência a um elemento fundamental da natureza: ar, água, terra e fogo. E cada seção é acompanhada de uma receita de um prato típico da nossa tradição. Experimente fazer uma ou mais destas receitas e, além da leitura, você poderá sentir os cheiros e os sabores típicos das nossas casas de um tempo que já passou.

Boa leitura!

Stefano Vignaroli

PREFÁCIO

A prática de escrever prefácios vai contra ao bom senso comercial. De fato, entendida em seu sentido etimológico de “prae-fari”, que significa “falar primeiro”, pode ser comparada à prática não popular de antecipação, hoje sempre mais expressa com o anglicanismo vulgar “spoiler”. Ai de quem revelar ou antecipar qualquer coisa importante de um produto oferecido. Será um caos!

Na verdade, o prefácio tem a mesma função que o prólogo no teatro clássico. Ou seja, desde o alvorecer da literatura, “falar primeiro” é um elemento integrante da estrutura narrativa, que contribui para a criação do cenário ambiental. E o cenário é a chave que permite ao espectador – neste caso, o leitor – entrar no mundo encantado das três unidades Aristotélicas de tempo, lugar e espaço.

Portanto o bom senso comercial, tão convictamente hostil à antecipação, no campo da literatura representa, na realidade, uma besteira, porque vai em contradição ao espírito literário e com as motivações da base da existência da mesma literatura.

Mas qual é a origem da existência da arte e da literatura de forma geral?

A literatura nasce da necessidade imprescindível do ser humano de compreender o mistério da sua existência e portanto, explorar cada detalhe da sua natureza física, energética e espiritual. E assim, o assunto da literatura sempre é o ser humano e sua relação com o todo.

Mas então... qual é o assunto, qual é o meio? O assunto é o próprio meio: não é, na verdade, “o Quê” – como às vezes nos iludimos a acreditar – mas “o Como”.

Feita esta premissa, é o momento de falar sobre esta coletânia de contos escrita por Stefano Vignaroli, cujo título é “Pão com Azeite e Arroz com Ossos”.

No entanto, o título – magistralmente captado na capa preparada por Valentina Rossini – é suculento e convidativo, porque coloca na boca do leitor duas coisas: água na boca e um sorriso. Isto é crucial, porque – repito – é uma antecipação (e já!) do modo como o autor nos acolherá em seu mundo.

Quem escreve este prefácio obviamente leu todo o livro que se segue… e depois deste preâmbulo, vos digo com clareza que nos sentimos maravilhados neste mundo. É verdade que os convidados eleitos para este banquete suculento são, antes de tudo, os habitantes de Marche, em particular os da região de Ancona, e todos aqueles que são ligados a esta terra e aos seus sabores. Mas este banquete não está absolutamente fechado para o resto do mundo. Ao contrário. Não há código de vestimenta e não há muro que impeça o aroma de penetrar nos narizes dos que aceitem o convite e queiram vir desfrutar e regenerar-se em espírito e corpo.

Prova disto é que o autor, além de utilizar ajudantes fiéis e ilustres para trazer à mesa as comidas oferecidas neste banquete, enquadra os pratos numa estrutura quadridimensional: ar – água – terra – fogo. E o assistente menestrel que apresenta cada dimensão é ninguém menos que Giovanni di Pietro di Bercardone! Sim, é o próprio Francisco,o Santo de Assis e Padroeiro da Itália. Mas de que modo Francisco apresenta os pratos deste livro ao leitor? Ele o faz – é claro – da forma mais poética e sublime, através dos versos inspirados e universais de seu Cântico das Criaturas.

Mas se Francisco é o Mestre-Sala, quem serve à mesa farta deste banquete?

Aqui encontraremos, entre outros, Frederico II, Imperador do Sacro Império Romano Germânico, nascido em Jesi (“a Minha Belém” – como ele mesmo a chamava), o “estupor do mundo”, um grande especialista em falcoaria; e depois, o Rei Picus, de cujo nome vem o pica-pau, o símbolo da região de Marche e a mítica Circe; também há o temerário Duque Francesco Maria della Rovere com os heróicos defensores do Monte Alba, liderados por Demétrio e Venanzio e suas mulheres; também encontramos Andrea Franciolini de Jesi, filho do Capitão do Povo; e depois há os piratas turcos, o grande Benvenuto Cellini e o seu menos conhecido professor Lucagnolo…

Mas ao lado destes fiéis operadores de cerimônia mais “veteranos”, há também outros mais jovens, como a campeã de softball Marta Gambella; há o trabalhador de salitre Ennio e o pescador Francesco, todos lidando com o desconhecido de um mundo novo, que eles tentam compreender; e há Giorgio, Aurora e Virgínia!

Aliás, quando os personagens não são reais, como no caso que acabo de citar, o autor é sempre atento ao calibrar sua escolha em função do seu banquete, que sublima a região de Marche em algo universal. Neste banquete cheio de sabores e gostos (a propósito, sabendo que os termos "sapere" e "sapore" ou saber e saborear têm a mesma raiz semântica, talvez o leitor possa saborear com maior satisfação...), uma parte de grande importância que está nos detalhes, nos acessórios do serviço... A toalha da mesa é o céu e o mar da região de Marque, as cadeiras são as ruas e praças de ontem e de hoje. Os talheres são os utensílios, frutos do trabalho humano dos heróis sem nome, ou melhor, as estrelas que iluminam a sala, que admiram as montanhas e os vales e nos dão a ilusão de poder tocá-los...

Mas quais são os sabores e os conhecimentos que podemos saborear lendo cuidadosamente este livro? São todos sentimentos humanos, a solidão das sombras, o clamor da miséria e a suave fragrância do humilde trabalho diligente. Há os medos existenciais, o abismo do mal e a ganância do dinheiro, a atração fatal pelo amor e a obsessão pela morte. Há ironia, às vezes sutil e velada, outras vezes irreverente e explosiva pela vaidade do poder.

O Chef (desculpe-me, eu quis dizer o autor) pensou em tudo, pensou em todos.

E de que modo então? Como ele fez?

A escrita é sempre clara e simples e nos recorda, por algumas frases, uma característica essencial da literatura francesa: la "clarté", a clareza, exatamente. E penso em Zola, mas também na simplicidade e na clareza expositiva combinada com a profundidade psicológica visionária de um Maupassant.

No âmbito italiano, pode-se encontrar ecos do estilo do nosso "Chef" em Romano Bilenchi e em Giorgio Bassani. A simplicidade e clareza de nosso Vignaroli é um elixir regenerante no panorama atual da literatura italiana e mundial, onde reinam a aproximação, a vulgaridade, a improvisação e a desestruturalização da linguagem. Vignaroli de fato é um historiador apaixonado e um escritor diligente tanto quanto exigente consigo mesmo.

Este suntuoso banquete com sabores e conhecimentos tradicionais de nossa terra é refrescante e até mesmo afrodisíaco: é um resgate da humanidade, do estudo da cultura, do significado mais intrínseco da

história, numa época em que a literatura se inclina às exigências insalubres do fast food: péssima qualidade, rapidez, conservantes e muita, muita gordura.

Vignaroli, no entanto, nunca excede no tempero. Cada prato deve, acima de tudo, restituir seu sabor autêntico. O autor observa de maneira constante, mas discreta, os garçons e os convida em cada conto: ele aparece como uma sombra invisível para se certificar que todos os comensais se sintam à vontade com os personagens que encontram...

Mas qual é o ingrediente mais importante deste banquete, aquele que consegue resgatar essa profusão de cores e sabores constratantes?

O ingrediente principal é o amor. Em todas as suas facetas... o amor de Alice, o amor de Circe, de Aurora, de Giorgio. E enfim, o amor essencial e discreto de uma sombra que aparece e desaparece, um veterinário-cozinheiro que evoca e provoca com uma engenhosa sabedoria, que se assegura do bem-estar dos que habitam os lugares que frequenta.

E quem são os beneficiários deste "amor sábio"?

Os beneficiários somos todos nós, da região de Marche e de outros lugares, convidados a protagonistas deste banquete revigorante e regenerador!

Eu sei que este é um prefácio louco. Mas é a mesma loucura do último prato, do conto que conclui esta antologia. Um prato que contém todo o significado do banquete e depois nos liberta para recuperar o juízo e retornar a viver a nossa vida cotidiana, de seguir o caminho do nosso futuro, com um espírito regenerado e com um sorriso.

Attilio Carducci

I
Ar



Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo vento irmão,
E pelo ar nublado e sereno
E por todos os tipos de clima,
Pelos quais dás às Tuas criaturas
O sustento delas.

A Receita

ARROZ COM OSSOS DE PORCO

(Arroz com Ossos – Arroz sem Ossos)

Mas do porco não se desperdiça nada, não é verdade?
Eis que, em pleno inverno, chega o dia do melro. O frio intenso facilita fazer a “trilha do porco”, ou seja, a salada. Depois de haver preparado o salame e salgado as outras partes do animal, sobram os ossos, quase sem carne, que podem ser usados para preparar os recheios e sopas. Na parte rural de Marche, sobretudo em Jesi e na região de Macerata, se usavam os ossos da cabeça e do lombo do porco para cozinhar o arroz em caldo. Depois de ferver os ossos, com um pouco de carne ainda presa, misturam-se os ossos ao arroz, que cozinha em fogo baixo, temperado com cebola, aipo, cenoura e louro. Acrescenta-se queijo pecorino ralado e bom apetite!
Uma sopa gostosa, quente e acima de tudo, saborosa! Mas você acredita que comê-la é um sacrilégio no nosso tempo? Por quê? Experimente cozinhá-la e você redescobrirá os sabores simples de antigamente!

O Imperador Frederico II

Como podemos falar de Jesi e recontar as histórias relacionadas à esta cidade se não se fala do imperador Frederico II da Suábia? Nascido em Jesi, na praça pública, no dia 26 de Dezembro de 1194, ele foi um estadista iluminado, amante das artes e da literatura, mas também frequentemente alvo de oposição da Igreja oficial. A sua paixão pela falcoaria, e consequentemente sua admiração pelas aves de rapina e por seu vôo real, me faz situar este conto, inspirado por ele, na seção dedicada ao ar.

Retorno às Origens

Embora as notícias sejam fragmentadas e não totalmente precisas, parece que o Imperador retornou à sua cidade natal (que ele próprio chamava de “a minha Belém”) duas vezes. Talvez, em 1240, ele tenha feito seu regresso triunfal à Jesi e concedido à cidade o título de Cidade Real. Imagine seu retorno neste conto, publicado na antologia “Marche d’autore – I personaggi” (“Marche do autor – Os personagens)”.

RETORNO ÀS ORIGENS

Marque do Autor – Os personagens

Buonacosa Diotaiuti não era o seu verdadeiro nome. Talvez ele nem se lembrasse mais de que, na verdade, se chamava Gerardo. Como um sábio administrador do Município e do Condado de Jesi, ele escolheu ser lembrado por seus concidadãos com um nome que fosse ao mesmo tempo uma homenagem e um bom presságio. E toda a população o amava pelo cargo público que ocupava. Ele jamais teria imaginado que o Imperador tivesse respondido ao seu convite. Quando descobriu que Frederico estava na região para uma campanha destinada a reconquistar os territórios de Marche adquiridos pela Igreja, enviou-lhe uma mensagem: "A cidade de Jesi, que viu o seu nascimento, renova a sua fé guibelina e espera recebê-lo com todas as honras."

O imperador suábio Frederico II respondeu de forma muito simples, usando o plural majestático: "Jesi é a nossa Belém. Iremos prazeirosamente visitar a terra que nos deu à luz." E agora que observava os movimentos do falcão do qual Frederico quase nunca se separava, não achava possível que o episódio que estava vivenciando fosse real. Talvez fosse apenas um fruto da sua imaginação. A ave majestosa mergulhou em direção ao seu patrão igualmente majestoso. Com um bater de asas, permaneceu suspensa, quase imóvel, a poucos centímetros da mão enluvada de Frederico. Com incrível elegância, os seus movimentos diminuíram de maneira a deixar qualquer um de boca aberta, descendo até que as suas garras se apertaram em torno da luva de seu senhor, que não hesitou em recompensá-la com um pedaço de carne crua e, em seguida, colocar o capuz sobre sua cabeça. O imperador não podia prescindir de sua caçada com falcões e, quando notou que a planície de Esino, com exceção dos pequenos centros habitados, era quase inteiramente coberta por densas florestas, ficou desapontado, pois não eram locais adequados para suas fiéis aves de rapina voarem. Mas o magistrado de Jesi, aquele que o convidara, fora gentil e o conduzira a uma colina além da vila de Vitodonum[1]. Mais além da colina, via-se um bosque de castanheiras, chegando-se ao Castelo de Orgiuolo[2],

que dominava um grande planalto gramado. Ele junto com Buonacosa observaram o falcão voar se distanciando, quase se tornando um ponto distante, em direção ao mar, cuja distinta linha azul podia ser vista, antes de retornar velozmente. Embora sua condição real exigisse uma escolta armada, Frederico havia pedido para ser acompanhado somente pelo magistrado porque, quando estava com suas aves, não gostava de companhia e desejava estar quase a sós com elas. A simples presença de Buonacosa já era algo demais, mas nele não podia deixar por menos, dado seu conhecimento limitado da região. E ele não estava errado em confiar nele, que imediatamente entendeu para onde devia levá-lo.

"Meus cumprimentos para vós, senhhor! Dada a natureza do lugar, eu não acreditava que poderia fazer voar um dos meus falcões!"

"Suas palavras me enchem de orgulho, Vossa Majestade! Eu espero que os meus concidadãos saibam despertar em vós os mesmos sentimentos de benevolência quando os encontrar hoje na praça pública. Assim, lamento ter que dizer-lo, mas acredito que seja chegada a hora de retornar a Jesi, ou chegaremos atrasados para a cerimônia a vós dedicada."

Tornando a atravessar Vitodonum, Buonacosa dirigiu novamente a palavra ao imperador.

"Sabia que se fala que vós, Vossa Majestade, neste lugar? Que vós na verdade não sois o filho verdadeiro do Rei Henrique e de Constança de Hauteville. Dizem que sua mãe era velha e estéril e que, para provar que dera à luz a um herdeiro da casa de Hofenstaufen, mandou raptar um recém-nascido de uma família de criadores de porcos e o apresentou a todos como fruto do próprio ventre."

"Verdade?" perguntou Frederico com indiferença, acenando com a mão na frente do rosto, como para afastar uma mosca incômoda. "Sim, certos rumores também chegaram aos nossos ouvidos. Inveja, tudo inveja!, meu caro. Algumas pessoas acreditam que podem passar histórias inventadas como verdades absolutas. Mas as nossas mentes iluminadas sabem discernir o verdadeiro do falso. E estas afirmações são falsas."

"Como é verdade que vós sois um verdadeiro Imperador, e um grande homem, meu Senhor!" concluiu Buonacosa, ficando em silêncio e esporeando sua cavalgadura a galope.

O Magistrado, para fazer uma boa figura, queria que fosse erguido um arco triunfal de mármore, com muitas figuras bonitas, adornado de estátuas, pináculos e epitáfios, mas o tempo disponível era muito pouco. Nenhum escultor se declarou disposto a realizar a obra. Assim Buonacosa contratou para o trabalho um carpinteiro, que em poucos dias construiu, entre o antigo Cardo e a praça San Giorgio, uma estrutura de madeira com três arcos pontiagudos, o central mais alto, e os laterais mais baixos. De um lado e de outro a obra estava toda decorada com desenhos coloridos. No alto, tremulavam os estandartes da cidade de Jesi, o leão rampante sobre um fundo vermelho. Com toda a probabilidade, O Imperador não teria notado que o arco triunfal era de madeira de baixa qualidade. E assim foi, para grande satisfação do Magistrado, que chegava à praça junto com o cortejo imperial.

No último trecho do Cardo, Frederico esporeou o seu cavalo e chegou na praça atravessando o arco central. Com um manto de arminho sobre os ombros e a coroa adornando a cabeça, na sela de um elegante cavalo negro, Frederico foi recebido pelos cidadãos de Jesi reunidos sob os muros da Rocca, que delimitava todo o lado oriental da praça. Jovens criadas começaram a espalhar pelo chão pétalas de flores coloridas, formando um tapete desde o arco até o cemitério da Igreja de São Jorge, onde estava construído o palco para que o Imperador discursasse aos cidadãos da sua cidade natal. Enquanto o séquito imperial entrava na praça atravessando os arcos laterais, Frederico já havia chegado ao palco. Buonacosa cansava de abrir espaço entre a multidão para poder se juntar ao seu ilustre convidado e estar ao seu lado antes que ele iniciasse o seu discurso. Ele observou Frederico, pessoa de grande magnanimidade, lançar o seu falcão ao alto para ganhar tempo, permitindo-lhe se instalar adequadamente.

A multidão aclamava o Imperador, mas esperava Buonacosa apresentar o Imperador aos cidadãos antes que ele começasse a falar.

“Natus est hic nobis Federicus Secundus Imperator, semper Augustus et Aesinae patriae pater!” que significa “Aqui nasceu o Imperador Frederico II, sempre Augusto e pai da nação de Esina!”.

A ovação se fez ainda mais evidente. O Imperador finalmente falou, esprimindo-se não em Latim, mas na língua vulgar.

“Esta é a nossa Belém, esta praça nos viu nascer. Desejamos recompensar esta cidade, tanto por nos haver permitido vir ao mundo, como porque sua

população renovou a fé guibelina no nosso confronto. Podemos fazer aqui um canal marítimo de forma que Ésis possa ter seu próprio porto."

Alguém na multidão aclamou com entusiasmo, mas as vozes que se ergueram não foram numerosas.

"Ou eu poderia dar a Ésis o título de Cidade Real."

E estas palavras fizeram a praça explodir em aplausos. Buonacosa estava satisfeito. O título de Cidade Real isentava a Comuna do pagamento da maior parte dos impostos e taxas. Daquele dia em diante, a economia da cidade floresceria ainda mais. Ele notou o Imperador observar os estandartes que adornavam tanto as torres do arco do triunfo como os muros da fortaleza.

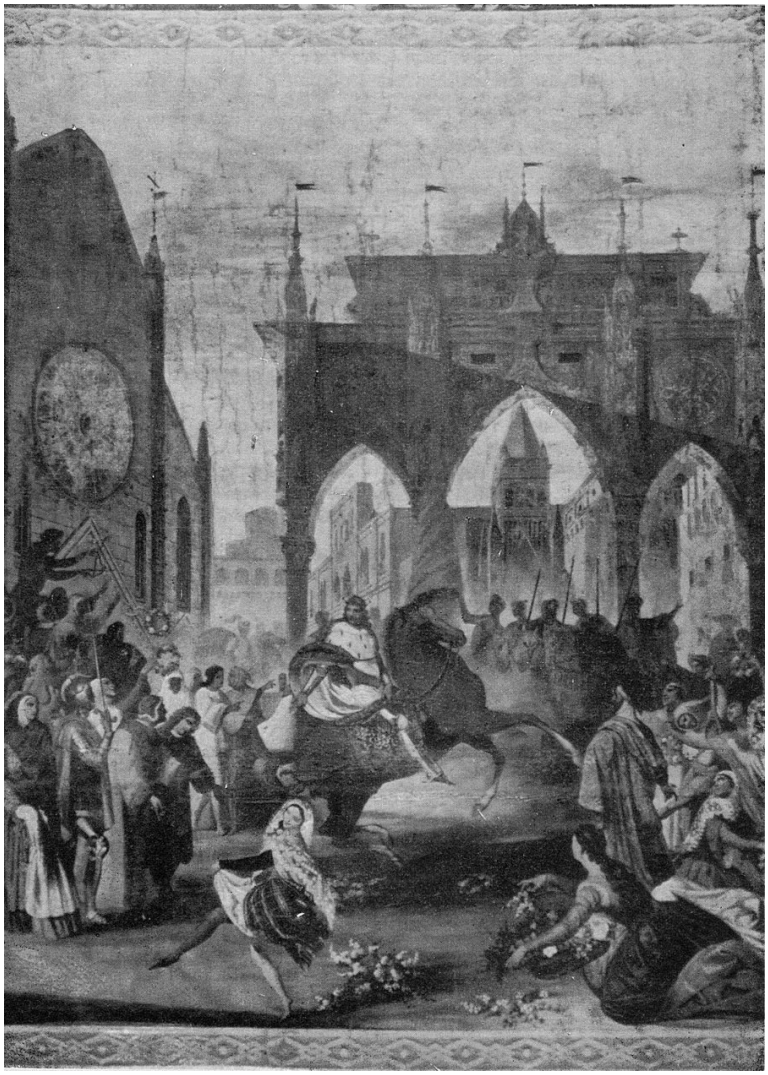
"Você sabe bordar?" perguntou Frederico a uma das criadas que tinham coberto o chão com as flores. A jovem assentiu. "Então vá, pegue uma daquelas bandeiras e borde uma coroa sobre a cabeça do leão."

Rapidamente a jovem realizou o que Sua Majestade Imperial lhe havia pedido, entregando a bandeira modificada em suas mãos reais. Frederico desfraldou a bandeira e a mostrou a todos os cidadãos. E foi uma profusão de gritos e cores. Frederico estava com a praça e a praça estava com Frederico. Até que finalmente, ele entregou o falcão ao mestre de armas do seu séquito, desceu do palco e subiu sobre o seu cavalo, reatravessando o arco e chegando ao Cardo sem sequer voltar-se para trás.

Ele é um Imperador, pensou Buonacosa, já concedeu demais para este cidade e para o seu povo. Ele chamou o carpinteiro que havia construído o arco triunfal.

"Desmanche este seu trabalho. Não quereis que ele caia na cabeça de alguém. É já um milagre que resistiu por um dia inteiro!"

No dia seguinte Jesi ainda estava em festa. Todas as bandeiras tinham sido modificadas, com a coroa na cabeça do leão. Um escultor tinha esboçado uma estátua de Frederico, com o cetro na mão, uma longa túnica e um leão prostrado a seus pés. Um pintor estava pincelando em sua tela uma figura real, coroa na cabeça, um manto de arminho, um leão benevolente agachado sob seu trono e o olhar direcionado às torres e campanários da cidade de Esis. A visita de Frederico II à sua Belém seria mantida na memória por séculos.



As Lendas Antigas

Andar pelas aldeias e distritos das colinas em redor de Jesi, nos municípios que antigamente faziam parte do Condado de Jesi, nos leva muitas vezes a descobrir histórias antigas e lendas que, com a mesma leveza que o ar, chamam deuses e heróis da antiga mitologia grega e romana, adaptados e modificados em função da nossa região. Um território que descobrimos era frequentemente povoado, durante a Idade Média, por mulheres conhecidas como curandeiras, que conheciam como curar as doenças e os males com ervas, mas eram duramente combatidas pela Igreja e pela Inquisição. Não é raro sentir agora falarem de círculos mágicos, ritos propiciatórios e… bruxas!

O Rei Picus e a Feiticeira Circe

A lendária fundação de Cingoli (Cingulum), cujo nome latino indica um próprio cinto, um círculo, é contada num antigo texto de Orazio Avicenna, historiador do século XVII, datado de 1644 e conservado na Biblioteca Cívica de Jesi. É feita referência ao Rei Picus, nome que significa pica-pau, símbolo da nossa região, e da mítica Feiticeira Circe. Com base no texto de Avicenna, foi assim que contei a fundação deste importante “Castrum” no volume “Marche do autor – Os Mistérios”.

You've Just Finished your Free Sample

Enjoyed the preview?

Buy: http://www.ebooks2go.com